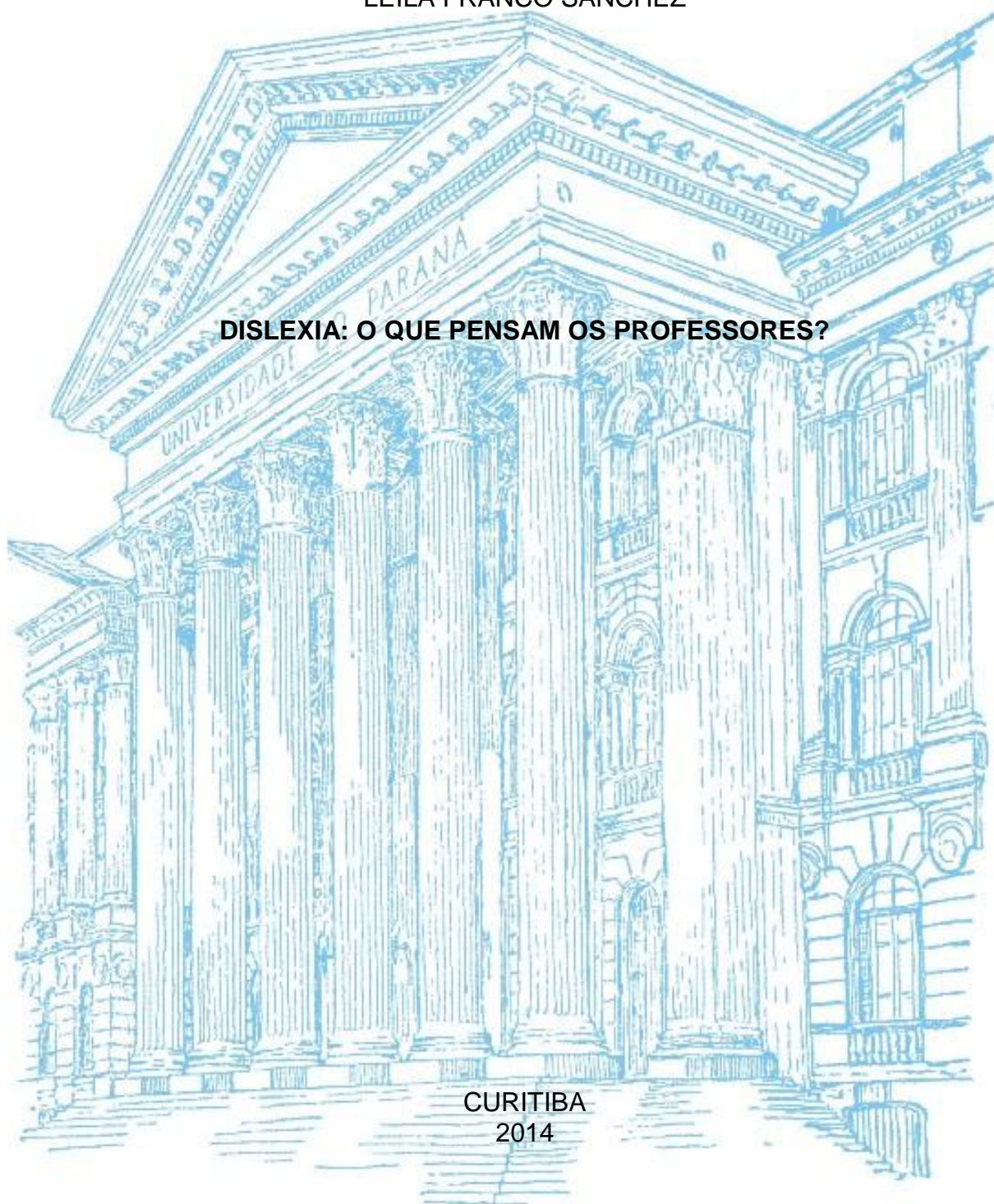


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

LEILA FRANCO SANCHEZ

DISLEXIA: O QUE PENSAM OS PROFESSORES?



CURITIBA
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

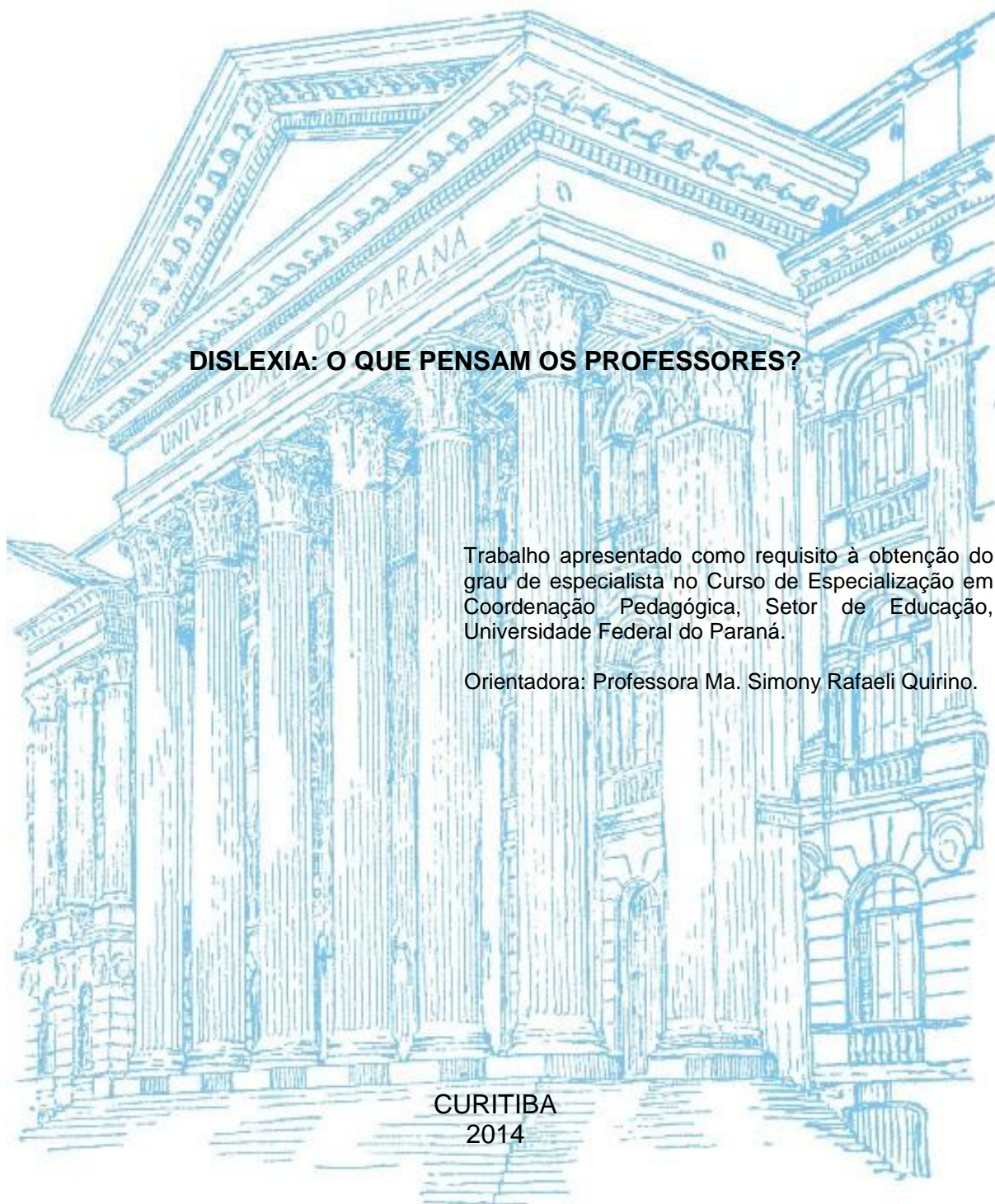
LEILA FRANCO SANCHEZ

DISLEXIA: O QUE PENSAM OS PROFESSORES?

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Professora Ma. Simony Rafaeli Quirino.

CURITIBA
2014



Sumário

Introdução.....	5
A dislexia.....	6
Estratégias de ensino para alunos disléxicos	10
Contexto da escola pesquisada.....	12
Percepção dos professores acerca da Dislexia e de seu trabalho com os alunos disléxicos.	13
Considerações Finais	21
Referências Bibliográficas	22

DISLEXIA: O QUE PENSAM OS PROFESSORES?

LEILA FRANCO SANCHEZ¹

RESUMO

O presente artigo tem o propósito de verificar a percepção que os professores da Escola Estadual Francisco Inácio de Oliveira – Ensino Fundamental, localizada no município de Tomazina/Paraná têm sobre a dislexia, bem como sobre o trabalho que desenvolvem com os alunos disléxicos. Para isso foram aplicados questionários a nove professores da instituição, que lecionam no período da tarde e tem alunos disléxicos em suas turmas. A partir da análise dos questionários pode-se verificar que muitos dos professores envolvidos na pesquisa têm uma visão não muito clara sobre a dislexia, afirmando conhecer o distúrbio apenas superficialmente. Pode-se concluir também que mesmo aqueles que afirmam conhecer a dislexia sentem-se inseguros em relação ao trabalho com os alunos disléxicos e acreditam que a formação continuada em relação ao tema dislexia seria importante para desenvolver um trabalho mais eficaz em sala de aula com os alunos disléxicos. Verificou-se também que os professores da Escola Francisco Inácio de Oliveira em seu trabalho já realizam estratégias diversificadas para atender os alunos disléxicos em sala de aula, porém ficou claro que estas não acontecem em todos os momentos, pois alguns docentes afirmam ter dificuldade para trabalhar com o disléxico em sala de aula declarando não ter conhecimento suficiente para elaborar estratégias diversificadas necessitando de apoio e capacitação para que elas aconteçam.

Palavras-chave: Dislexia; Aluno disléxico; Estratégias de ensino, aprendizagem.

¹ Artigo produzido pela aluna Leila Franco Sanchez, do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora mestra Simony Rafaeli Quirino. E-mail:psicopedagogaleila@gmail.com.

Introdução

O interesse por esta temática surgiu quando meu filho teve seu diagnóstico da dislexia comprovado aos 11 anos de idade quando estava no seu terceiro ano de escolarização, sendo que nesse período é que começava seu processo de alfabetização enquanto que a maioria de seus colegas já estava praticamente alfabetizada. Juntos sofremos com o desconhecimento dos educadores e a comparação dos familiares em relação as outras crianças da família que tinham a mesma idade e já eram alfabetizadas e tiravam as melhores notas na escola.

Segundo a Organização Mundial de Saúde - OMS (1994), no Brasil, as pessoas com necessidades educativas especiais são cerca de 15 milhões. Entre elas estão as que possuem os distúrbios de aprendizagem e a dislexia é o distúrbio de maior incidência.

A dislexia é como uma vareta que faz parte do amplo guarda-chuva dos problemas de aprendizagem. Esta caracteriza-se, como um distúrbio de aprendizagem de origem neurológica, não é uma doença, é um funcionamento peculiar do cérebro na codificação dos grafemas da linguagem escrita, falta de habilidade motora, o que reflete na dificuldade de escrita e da aprendizagem (YANHEZ & NICO, 2002, p. 23). A dislexia não é falta de inteligência, mas sim uma dificuldade na forma de processar as letras e as palavras. O aluno dislético não tem uma deficiência, apenas precisa de uma forma diferente de ensino porque aprende também de forma diferente.

No momento atual, a dislexia representa um desafio para a escola, sabendo ser a inclusão destes alunos um desafio para diretores, equipe pedagógica, professores, famílias e, em especial, para as próprias pessoas com dislexia.

Cabe à escola reconhecer que se o aluno com dislexia não estiver tendo sucesso em seu aprendizado, talvez o que venha acontecendo é uma dispedagogia, ou seja, a deficiência está no método de ensino e não no aluno dislético.

Assim sendo, é importante lembrar que os indivíduos com dislexia, têm direito à educação, podem e devem receber uma educação diferenciada, portanto, há necessidade de uma legislação que atenda as expectativas das pessoas com distúrbios de aprendizagem, em particular dos disléticos, por ser o grupo de maior incidência nas escolas.

A legislação educacional brasileira não é específica quanto aos distúrbios de aprendizagem ou a dislexia, referindo-se à inclusão como um direito escolar de qualquer cidadão.

Em geral, as leis reportam-se aos deficientes e o aluno dislético não tem deficiência. Desta forma, este detalhe passa a ser uma justificativa à falta de atendimento especializado a este aluno possibilitando que muitas escolas continuem não trabalhando as necessidades individuais do aluno com dislexia, lesando assim o direito dos mesmos a uma educação de qualidade.

Pensando nesta problemática, o presente artigo tem o propósito de verificar a percepção que os professores da Escola Estadual Francisco Inácio de Oliveira – Ensino Fundamental, localizada no município de Tomazina - Paraná têm sobre a dislexia, bem como sobre o trabalho que desenvolvem com os alunos disléticos.

A dislexia

No início do século XIX, as dificuldades no domínio da leitura e da escrita foram chamadas de afasias, que significa perda ou diminuição da capacidade para usar ou compreender palavras devido a uma lesão cerebral.

O termo dislexia foi usado pela primeira vez em 1887, pelo Dr. Rudolf Berlin. A definição da palavra dislexia, de acordo com Luczinski (2002, p. 34) vem do grego e do latim: dis, de distúrbio, vem do latim, e Lexia, do grego, significa linguagem. Ou seja, dislexia é uma definição neurológica que apresenta como consequência dificuldades na leitura e escrita.

Dislexia é muito mais do que uma dificuldade em leitura, embora muitas vezes, ainda lhe seja atribuído esse significado circunscrito. Refere-se à disfunção ou dano, no uso de palavras. O prefixo “dys”, do grego, significa imperfeita como disfunção, isto é, uma função anormal ou prejudicada, “lexia”, do grego referente ao uso de palavras (não somente em leitura). E palavras dão sentido à comunicação através da Linguagem – em leitura, sim, porém também na escrita, na fala, na linguagem receptiva (LUCZINSKI, 2002, p. 39).

Segundo Yanhez e Nico (2001), Orton em 1925 afirmou que a dislexia seria causada pela insuficiente dominância de um hemisfério cerebral sobre outro. Quando um indivíduo via um símbolo, os hemisférios direito e esquerdo iriam codificá-lo de forma independente.

Entende-se por dislexia “um conjunto de sistemas reveladores” de uma disfunção parietal (o lobo do cérebro onde fica o centro nervoso da escrita), geralmente hereditária, ou às vezes adquirida, que afeta a aprendizagem da leitura num contínuo que se estende do leve sintoma ao sintoma grave. A dislexia é frequentemente acompanhada de transtornos na aprendizagem da escrita, ortografia, gramática e redação. A dislexia afeta os meninos em uma proporção maior que nas meninas (DROUET, 2001, p. 137).

Cabe destacar que a dislexia não é uma doença é um modo diferente que o cérebro processa a linguagem. Cada disléxico é único, cada um com suas características, habilidades e inabilidades.

A dislexia está relacionada a uma desorganização no processamento cerebral das informações recebidas pelo sistema visual. Sendo assim, devido ao esforço despendido no processamento das informações visuais, a leitura torna-se mais lenta e segmentada, o que compromete a velocidade da cognição e memorização, produzindo cansaço, troca de palavras, desfocamento, ftofobia e distração, após um intervalo relativamente curto na leitura (YANHEZ, NICO, 2001, p. 61).

Em 1994, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais - DSM IV, incluiu pela primeira vez, a dislexia nas perturbações de aprendizagem e estabeleceu os seguintes critérios:

- A) O rendimento na leitura e escrita medidos através de provas normalizadas, situa-se, substancialmente abaixo do nível esperado para a idade do sujeito, quociente de inteligência e escolaridade própria para a sua idade,
- B) A perturbação interfere significativamente com o rendimento escolar ou atividades da vida diária que requerem aptidões de leitura e escrita,
- C) Se existe um déficit sensorial as dificuldades são excessivas em relação às que lhe estariam habitualmente associadas (DSM – IV, 2008).

Segundo Shaywitz (2003), a dislexia representa uma dificuldade específica de leitura e não nas habilidades de pensamento. A dislexia reflete um problema ao nível de linguagem que, não sendo generalizado, se situa num componente específico do sistema de linguagem, o módulo fonológico, esta é a parte do cérebro onde os sons da linguagem são reunidos para formar as palavras e onde as palavras são separadas nos sons que a constituem.

A dislexia é o distúrbio mais comum do aprendizado que causa a dificuldade no indivíduo em ler, escrever e soletrar. É indispensável que os pais e professores

fiquem atentos aos modos da criança e saibam distinguir dislexia de preguiça ou má disciplina (SHAYWITZ, 2003).

Através das palavras do autor podemos concluir que quando a criança apresenta comportamentos inadequados na escola ou na família é importante investigar e tomar as medidas necessárias para evitar prejuízos no desenvolvimento da mesma.

Ainda para Shaywitz (2003) os pais que tenham filhos disléticos devem procurar ajuda para se fazer uma melhor avaliação e dar um meio de tratamento através de profissionais como fonoaudiólogo, neurologista, psicólogo.

Ao receber atendimento especializado a criança precisa também de motivação, estabilidade emocional e ensino apropriado.

Muitas vezes o aluno dislético apresenta problemas emocionais. Para evitar essa problemática é necessário um diagnóstico realizado por uma equipe clínica multidisciplinar formada por psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos e neurologista, trabalhando em parceria com o supervisor, professor e família. Nessa avaliação devem ser considerados os inúmeros fatores e as características do aluno para se fazer um encaminhamento adequado a cada caso, pois pode ocorrer diferentes graus de dislexia (YANHEZ, NICO, 2001, p. 65).

A situação dos disléticos, conforme Yanhez e Nico (2001, p. 69), “torna-se mais complexa pelo desconhecimento e falta de capacitação dos docentes”. De modo que o professor passa a ser um principal sujeito no processo de educação do dislético, por isso deve ser bem preparado e saber as necessidades que o aluno precisa, não o constrangendo em sala de aula.

São diversas as possibilidades disponíveis para que um aluno com dislexia possa acompanhar a turma na aula, mas é necessário que haja afetividade, compreensão e paciência. Quando um professor consegue respeitar o aluno em todas as suas diferenças, o aprendizado ocorre bem melhor (YANHEZ, NICO, 2001, p.72).

No nível dos estudos genéticos, alguns autores mencionam que 25% a 50% das crianças que tem um dos pais com dislexia também manifestam esta desordem (Shaywitz, 2003).

Nico (2002) afirma que 15% da população mundial apresenta essa desordem, ou seja, uma média de 04 a 05 estudantes em cada classe de 30 alunos.

A Associação Brasileira de Dislexia (2014) cita que entre 5 a 17% da população brasileira apresenta dislexia.

Frank (2003) descreve três tipos de dislexia sendo estas: visual, auditiva e uma combinação das duas. A visual é a interpretação das imagens de forma problemática pelo cérebro. A auditiva é quando o cérebro tem dificuldades para interpretar as mensagens ouvidas. Quando há problemas com o processamento das imagens e das mensagens, temos a combinação das duas.

O autor alerta para o fato de que é importante não só saber que o aluno tem dislexia, mas sim conhecer qual é o tipo que a compõe.

Durante a trajetória pedagógica estes alunos podem apresentar algumas ou várias das seguintes características:

Na expressão oral:

Tem dificuldade em selecionar as palavras adequadas para comunicar (tanto a nível oral quanto a nível escrito),

Revelam pobreza de vocabulário,

Elaboram frases curtas e simples e tem dificuldade na articulação das ideias.

Na leitura e na escrita:

Fazem uma soletração defeituosa (leem palavra por palavra, sílaba por sílaba, ou reconhecem letras isoladamente sem conseguir ler),

Na leitura silenciosa, murmuram ou movimentam os lábios,

Apresentam problemas de compreensão semântica (na interpretação de textos),

Confundem, invertem, substituem letras, sílabas e palavras,

Na escrita espontânea (composições, redações) mostram severas complicações (dificuldades na composição e organização das ideias).

Outras características:

Apresentam dificuldade em guardar datas e recuperar nomes, palavras, objetos e ou sequências ou fatos passados, letras do alfabeto, dias da semana, meses do ano, horários,

Não conseguem orientar-se no espaço, sendo incapazes de distinguir por exemplo direita da esquerda (o que dificulta orientação com mapas e globos),

Tem dificuldades nas disciplinas de História (em captar as sequências temporais), Geografia (no estudo das Coordenadas) em Geometria (nas relações espaciais),

Apresentam falta de destreza manual, e por vezes, caligrafia inelegível (Disgrafia),

Poderão ter dificuldades com a Matemática (Discalculia) sobretudo na assimilação de símbolos e em decorar a tabuada (FRANK, 2003, p. 92).

Assim, a dislexia poderá estar associada a cada uma das outras dificuldades específicas (Disgrafia, Disortografia, Discalculia), uma criança com dificuldades ao nível da leitura vai com certeza revelar também problemas ao nível da escrita.

Desta forma, cabe ao professor buscar estratégias metodológicas que venham possibilitar ao aluno com dislexia a superação ou amenização dos aspectos que dificultam o sucesso na escola e na sua vida.

Vale ressaltar que não existe um tratamento único para todos os disléxicos, mas uma intervenção individualizada deverá ser a preocupação central de quem quer que o dislético tenha sucesso na sua aprendizagem.

Estratégias de ensino para alunos disléxicos

Belintane (2006) descreve a escola como a “segunda casa” da maioria das crianças, é nela que se passa maior parte do dia. Afirmando que o compromisso da escola não deve ser somente com o ensino, mas com a aprendizagem. Ainda refere que o trabalho só termina quando todos os recursos forem usados para que todos os alunos aprendam.

Entende-se com as palavras do autor que é responsabilidade da escola e do professor buscar estratégias para que o aluno aprenda e não apenas preocupar-se em ensinar.

Mas isso só pode se tornar realidade se os professores fizerem às intervenções necessárias e que venham de encontro à dificuldade de cada aluno, buscando estratégias de trabalho que atendam as mesmas e consequentemente possam solucioná-las ou pelo menos amenizá-las

Segundo Pallares (2000) algumas estratégias adotadas pelo professor em sala de aula poderão amenizar os problemas causados pela dislexia. Entre estas destacam-se:

- A- O aprendizado baseado em métodos multissensoriais, incluindo o uso do tato, os movimentos, as cores, além da visão e da audição que são fontes de aprendizagem,
 - B- Estabelecer parcerias entre as crianças e os pais, para que possam auxiliá-los e acompanhá-los nos progressos,
 - C- Colaboração de educadores de sempre lembrar a criança de suas tarefas,
 - D- No início, impedir a leitura perante seus colegas e valorizá-los por seus esforços,
 - E-Utilização da tecnologia como fator desencadeador da aprendizagem.
- (PALLARES, 2000, p. 115)

Ainda segundo Pallares (2000) deve-se trabalhar com a utilização de textos curtos de forma que prendam a atenção e despertem o interesse e vontade de desenvolver as atividades.

O uso de materiais como blocos lógicos, ábaco, calculadora, régua vasada e outros podem favorecer o aprendizado e melhorar o desempenho do aluno disléxico (PALLARES, 2000, p. 117).

Além disso, Yanhez e Nico (2002, p. 28) destacam vários pontos que o professor poderá utilizar para facilitar o aprendizado do aluno disléxico:

- De preferência dê a ele um resumo, da atividade a ser executada,
- Sempre estabeleça o passo a passo das atividades,
- Além do quadro utilize outros recursos para dinamizar sua aula,
- Nas aulas expositivas, avaliações, revisões que o tempo seja suficiente,
- Nunca force seu aluno a ler em voz alta,
- Sempre dê suas instruções orais e escritas de forma separada,
- Respeite o ritmo de seu aluno,
- No caso das avaliações além da realização de provas orais, é necessário dar um tempo razoável para que ele desenvolva com calma, de preferência, recomenda-se que seja lido as questões junto com o aluno, de forma que o mesmo possa entender e sentir-se seguro.
- No momento das correções, busque valorizar o máximo a sua produção, e se possível converse com ele confirmando algumas respostas a respeito do que ele quis dizer.
- Seja paciente e compreensivo, pois é normal que ele leve mais tempo para concluir suas atividades.
- Evite rótulos e atitudes que possam vir a diminuir seu aluno.

Após analisar as palavras dos autores acima fica claro que ao trabalhar com alunos disléxicos devemos mudar nossa prática em muitos momentos e repensar nossas ações em sala de aula.

Hoje, no Brasil, temos a Associação Brasileira de Dislexia - ABD como ponto de apoio às famílias, educadores e aos disléxicos. Seu público é constituído de disléxicos de todas as idades, familiares, profissionais da área educacional e clínica. A ABD realiza cursos, palestras, materiais adaptados, softwares educativos, jogos de régua para leitura, DVDs e cartilhas auxiliando para o desenvolvimento dos alunos disléxicos (ABD, 2014).

Contexto da escola pesquisada²

A Escola Estadual Francisco Inácio de Oliveira – Ensino Fundamental está localizada na cidade de Tomazina/Paraná.

Este estabelecimento de ensino foi criado pelo Decreto nº 9.140/49 sob a denominação de Ginásio Estadual de Tomazina e foi autorizado a funcionar a partir de 1950, na sede do Grupo Escolar Carlos Gomes de Tomazina.

Em 10 de fevereiro de 1.959, pelo decreto nº 26.950, passou a chamar-se Ginásio Estadual Professor Oswaldo Gomes.

No ano de 1965 foi inaugurado o seu prédio próprio. Em 23 de novembro de 1970, pelo Decreto nº 1.545/79, passou a ser denominada Escola Francisco Inácio de Oliveira – Ensino de 1º Grau.

Através da Resolução nº 733/83, passou a chamar-se Escola Estadual Francisco Inácio de Oliveira – Ensino de 1º Grau. Já a Resolução nº 3.120/98, levou a escola a ser chamada de Escola Estadual Francisco Inácio de Oliveira – Ensino Fundamental.

Atualmente, a escola funciona nos períodos matutino, vespertino e noturno e atende dez turmas regulares, sendo quatro turmas no período matutino com alunos do 6º ao 9º ano, quatro turmas no período vespertino com alunos do 6º ao 9º ano e duas turmas no período noturno. Além disso, são atendidas duas turmas de sala de recursos e quatro turmas do “Programa Mais Educação”.

A escola conta com um diretor, três professoras pedagogas, trinta e seis professores e dezesseis funcionários. A maioria dos professores e funcionários fazem parte do quadro próprio do magistério.

A comunidade escolar é constituída de alunos da cidade e oriundos do campo, fazendo parte em sua maioria de famílias de baixo poder aquisitivo, onde os pais e eles próprios são lavradores e boias fria. Quase a totalidade dos alunos participa de programas oferecidos pelo governo e os alunos vindos do campo utilizam o transporte escolar do município.

² Destaca-se que todos os dados referentes a escola foram retirados do Projeto Político Pedagógico da mesma.

Percepção dos professores acerca da Dislexia e de seu trabalho com os alunos disléxicos.

Procurando verificar a percepção dos professores da Escola Francisco Inácio de Oliveira acerca da dislexia, bem como sobre o trabalho que desenvolvem com estes alunos, foram aplicados questionários a nove docentes que trabalham com alunos disléxicos dos 7º, 8º e 9º anos, do período vespertino, sendo que a maioria deles ministram aulas nos três anos.

As características dos professores respondentes podem ser verificadas no quadro abaixo:

Professor	Sexo	Vínculo	Formação	T. A. Escola	Turma
A	F	QPM	Especialista	24 anos	7º ano
B	F	QPM	Especialista	20 anos	8º ano
C	F	QPM	Especialista	20 anos	8º ano
D	F	QPM	Especialista	26 anos	9º ano
E	F	QPM	Especialista	27 anos	9º ano
F	F	QPM	Especialista	19 anos	9º ano
G	F	QPM	Especialista	06 anos	8º ano
H	F	QPM	Especialista	16 anos	7º ano
I	M	PSS	Especialista	03 anos	9º ano

Quadro 1: Características dos professores respondentes.

Fonte: Questionários sobre a percepção dos professores acerca da dislexia e de seu trabalho com os alunos disléxicos.

Podemos verificar a partir da análise do quadro que a maioria dos docentes respondentes é do sexo feminino, faz parte do quadro próprio do magistério e já atua na escola há mais de 15 anos.

Passemos agora a análise das respostas dos professores aos questionários.

Quando questionados sobre se conheciam a dislexia mais da metade dos professores responderam que sim. No entanto, 33% dos professores declararam conhecer apenas superficialmente e 11% responderam não conhecer. O gráfico 01 demonstra a porcentagem de respostas dos professores.

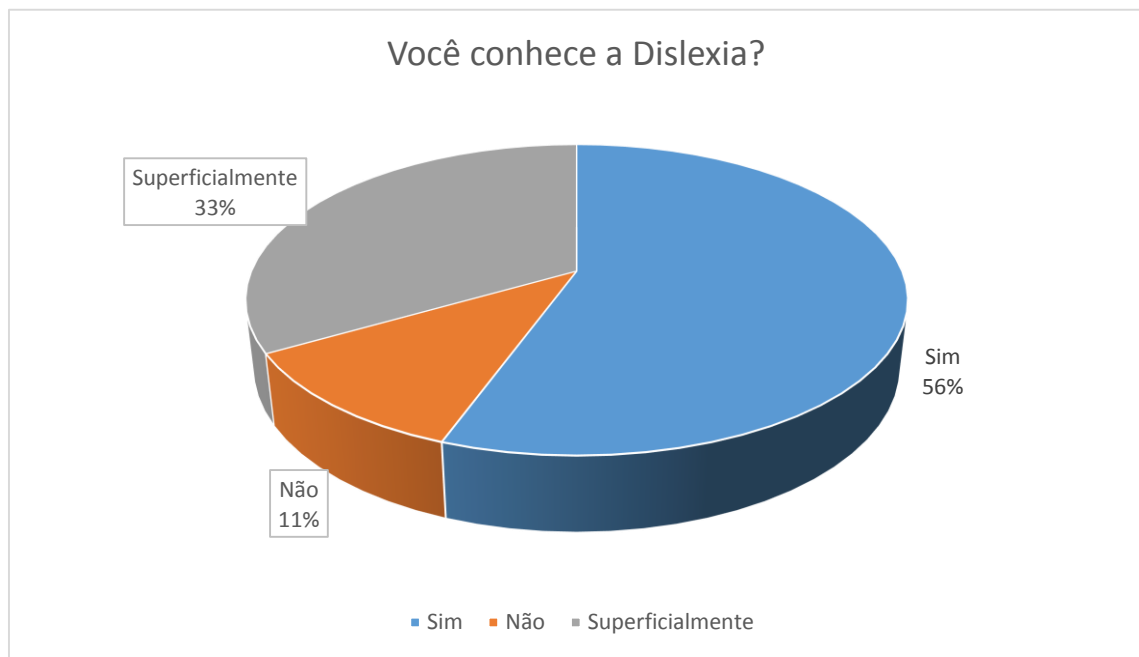


Gráfico 1: Você conhece a dislexia?

Fonte: Questionários sobre a percepção dos professores acerca da dislexia e de seu trabalho com os alunos disléxicos.

Os mesmos 11% dos professores não souberam informar se nas turmas que atuam existem alunos disléxicos. Esse é um dado preocupante, visto que, os questionários foram aplicados aos professores que trabalham com turmas onde estão inclusos alunos disléxicos. Assim sendo, tem se como hipótese que nessas disciplinas o ensino deve ocorrer da mesma forma para todos os alunos sem a preparação de métodos e atividades diferenciadas. Além disso, há uma falha por parte da escola, pois este é um assunto que deveria ser debatido com todos. Este dado pode ser confirmado no gráfico abaixo:

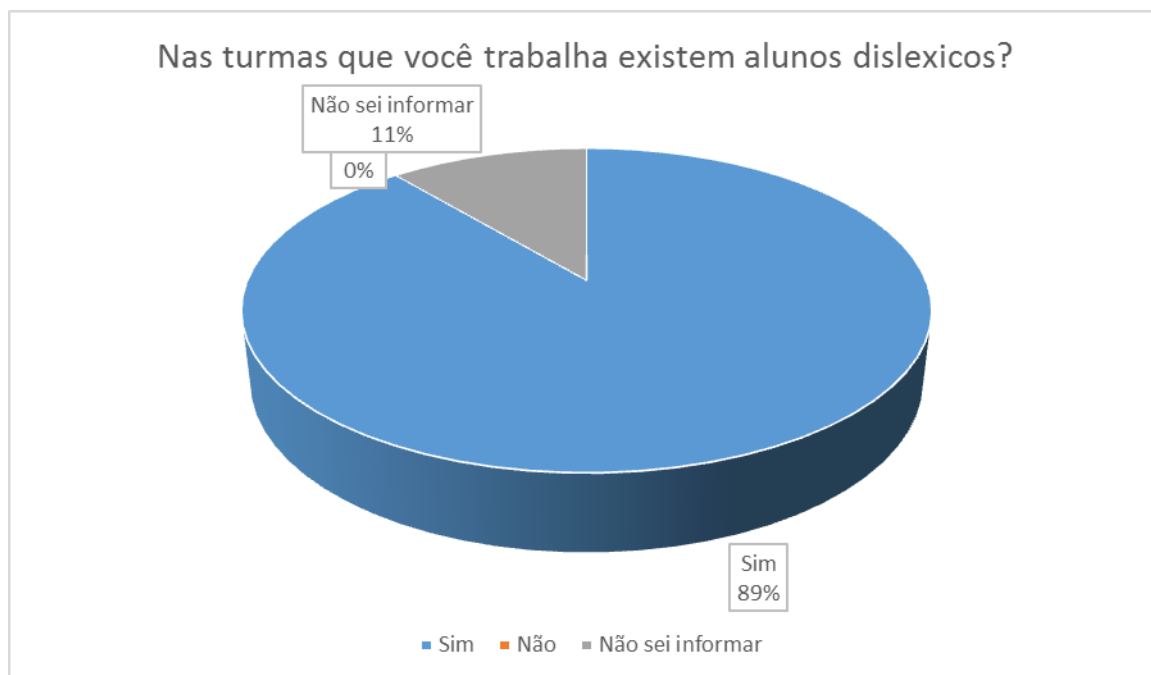


Gráfico 2: Nas turmas que você trabalha existem alunos disléxicos?

Fonte: Questionários sobre a percepção dos professores acerca da dislexia e de seu trabalho com os alunos disléxicos.

Quando questionados se o baixo nível intelectual é uma das características da dislexia verificamos que a maioria dos professores (56%) discordam demonstrando que têm conhecimento que a dislexia é um distúrbio de aprendizagem que não se refere ao baixo nível intelectual, ou seja, não se refere a falta de inteligência. Contudo, as respostas para esta pergunta chamam atenção, pois 33% dos professores não concordam e nem discordam com a colocação e novamente 11% responderam concordar demonstrando mais uma vez uma posição errônea quanto a dislexia.

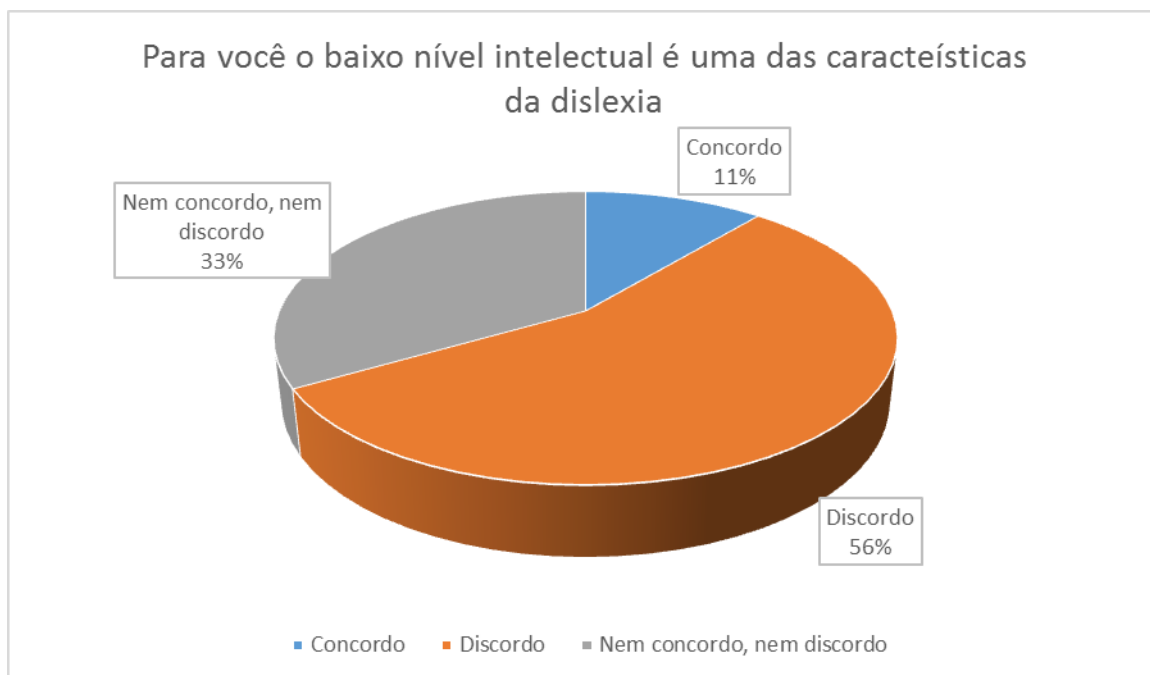


Gráfico 3: Para você o baixo nível intelectual é uma das características da dislexia?

Fonte: Questionários sobre a percepção dos professores acerca da dislexia e de seu trabalho com os alunos disléxicos.

No que se refere as características dos alunos disléxicos os professores responderam que estes apresentam: dificuldades na leitura e escrita devido a um problema neurológico (89%) e dificuldades na leitura e escrita associada a deficiência intelectual (11%), como pode ser verificado no gráfico 4.

Tais posicionamentos demonstram que a maioria dos professores envolvidos na pesquisa já conhecem os principais fatores que caracterizam a dislexia, os quais são citados pelos autores referenciados na pesquisa como sendo as dificuldades na leitura e escrita, como pode ser comprovado nas palavras de Shaywitz (2003) de que “a dislexia é o distúrbio mais comum do aprendizado que causa a dificuldade no indivíduo em ler, escrever e soletrar”.

No entanto, é importante ressaltar que um grupo de professores ainda percebe a dislexia como um problema associado a deficiência intelectual dado este que demonstra não haver nenhum entendimento sobre o distúrbio por parte destes docentes mesmo convivendo com os alunos disléxicos na sua prática diária, o que se torna um agravante para o bom desenvolvimento da aprendizagem dos mesmos.

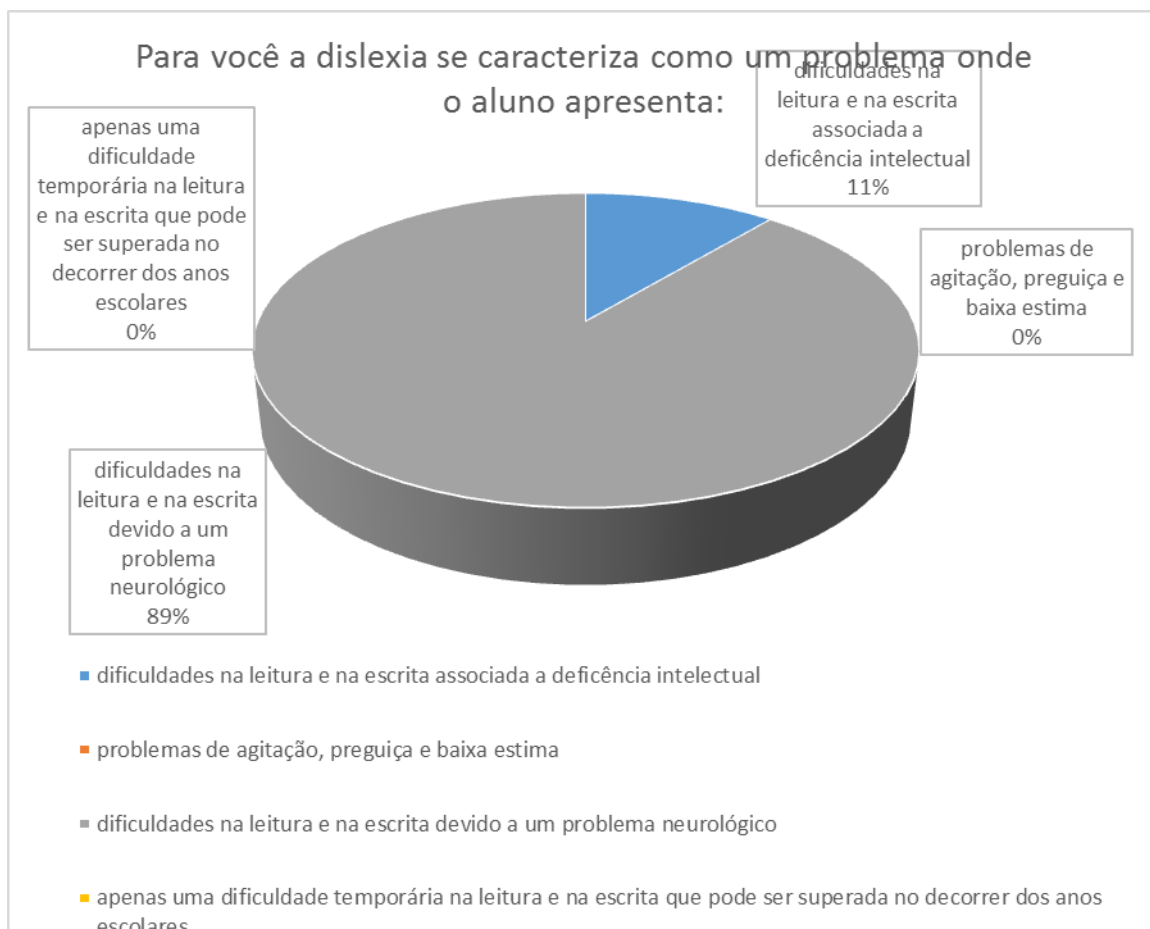


Gráfico 4: Para você a dislexia se caracteriza como um problema onde o aluno apresenta:

Fonte: Questionários sobre a percepção dos professores acerca da dislexia e de seu trabalho com os alunos disléxicos.

A concepção dos docentes é que eles se sentem incapacitados para lidar com a dislexia. Mesmo que a maioria dos respondentes tenha afirmado conhecer a dislexia, ainda assim, não se sentem à vontade em sala de aula e consideram-se inseguros em como proceder com o aluno com dislexia. O posicionamento dos professores corrobora com o afirmado por Yanhez e Nico (2001, p. 69) quando dizem que o professor deve ser preparado e deve saber as necessidades que o aluno disléxico precisa para assim poder desenvolver um bom trabalho. O gráfico 5 demonstra as respostas dos professores.



Gráfico 5: Como você se sente em relação ao trabalho com alunos disléxicos?

Fonte: Questionários sobre a percepção dos professores acerca da dislexia e de seu trabalho com os alunos disléxicos.

A maioria dos professores (89%) afirmou encontrar dificuldades para trabalhar com os alunos disléxicos. Estes citaram como principais dificuldades: o número elevado de alunos por turma, a pouca participação da família, o despreparo para trabalhar com esses alunos, falta de capacitação na área e dificuldade de interpretação dos próprios alunos. O que chama atenção é que 11% dos professores responderam não sentir dificuldades para este trabalho. O que nos faz pensar se realmente não possuem dificuldades ou fazem parte dos 11% dos professores que não sabem informar se trabalham com alunos disléxicos trabalhando de uma forma única com todos os alunos. O gráfico 6 demonstra estas porcentagens.



Gráfico 6: Encontra dificuldades para trabalhar com os alunos disléxicos?

Fonte: Questionários sobre a percepção dos professores acerca da dislexia e de seu trabalho com os alunos disléxicos.

Essas dificuldades refletem nas respostas dos professores sobre se utilizam estratégias ou materiais diversificados no trabalho com o aluno disléxico em sala de aula, pois 78% responderam não utilizá-las. Apenas 22% dos professores respondeu que utilizam estratégias diferenciadas, sendo que as mais utilizadas são: ler as atividades, trabalhos e avaliações para os alunos antes que eles iniciem as mesmas; atenção individualizada; trabalho com jogos e vídeos explicativos; além de alguns professores citarem as avaliações orais.

Analisando as respostas dos professores em relação as estratégias utilizadas no trabalho com os alunos disléxicos, podemos perceber que as mesmas vêm de encontro com as afirmações de Yanhez e Nico (2002) onde destaca que as estratégias de ensino para alunos disléxicos devem envolver atenção individualizada, provas orais, ler pausadamente as atividades entre outras.

Mas vale ressaltar que o percentual de professores que afirma utilizar estratégias diversificadas ainda é bem pequeno e que as estratégias utilizadas são aquelas consideradas mínimas.

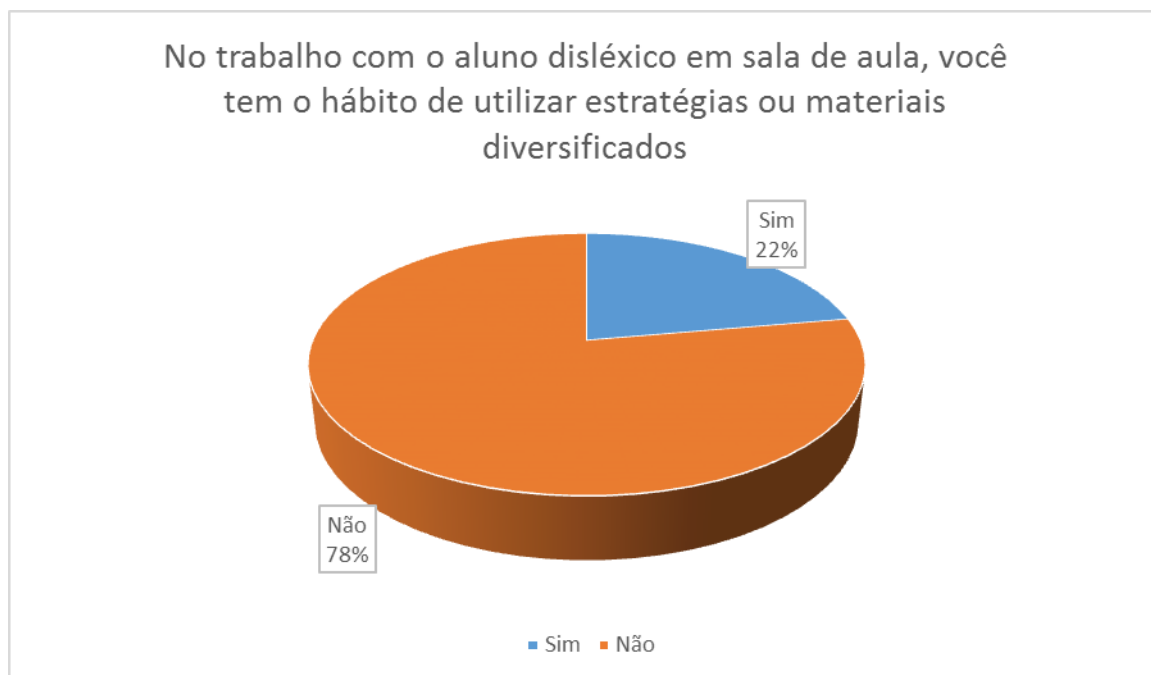


Gráfico 7: No trabalho com o aluno disléxico em sala de aula, você tem o hábito de utilizar estratégias ou materiais diversificados?

Fonte: Questionários sobre a percepção dos professores acerca da dislexia e de seu trabalho com os alunos disléxicos.

O que chama atenção é que 56% dos professores já fez alguma capacitação ou formação na área da dislexia. Assim sendo, tem se por hipótese que estas não estão sendo suficientes para que os professores repensem suas práticas e utilizem estratégias diferenciadas de ensino.

Além disso, os dados nos demonstram que no trabalho com os alunos disléxicos da escola campo desta pesquisa há professores que afirmam nunca terem participado de uma formação na área de dislexia. Esta situação nos faz pensar se os mesmos não tiveram oportunidades para esta formação ou se não houve interesse por parte destes professores. Portanto, a escola deve se informar dos motivos e buscar mecanismos para que estes participem de alguma formação, pois todos estes professores atuam com alunos disléxicos.

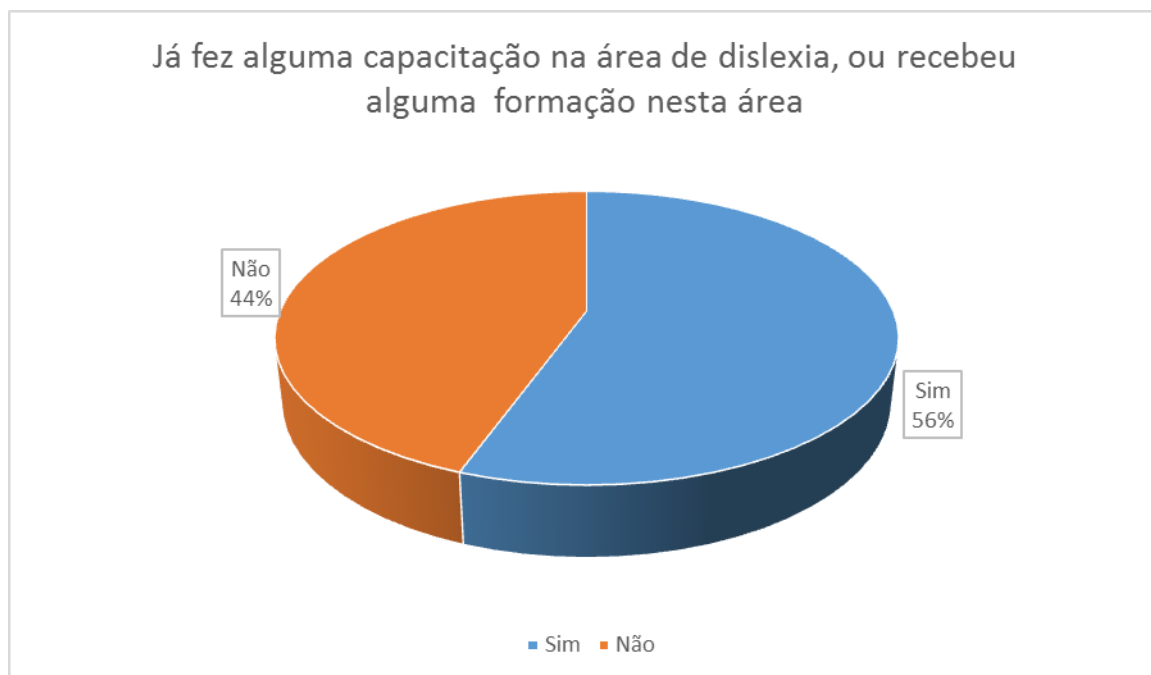


Gráfico 8: Já fez alguma capacitação na área de dislexia ou recebeu alguma formação nesta área?

Fonte: Questionários sobre a percepção dos professores acerca da dislexia e de seu trabalho com os alunos disléxicos

Considerações Finais

Ao término deste trabalho pode-se concluir que os professores da Escola Estadual Francisco Inácio de Oliveira que trabalham com alunos disléxicos conhecem superficialmente o problema que acomete o desenvolvimento da leitura e da escrita, sendo que alguns deles afirmaram não saber se tem alunos disléxicos em sala de aula.

Pode-se afirmar ainda que os professores mesmo os que conhecem a dislexia afirmam ter dificuldades para trabalhar com os alunos disléxicos em sala de aula, sentindo-se inseguros nas suas atitudes e na elaboração de estratégias para atender as necessidades destes alunos.

Outro aspecto identificado com o trabalho realizado é que os professores têm consciência de suas defasagens em relação a dislexia e o trabalho com o aluno disléxico, sendo que todos os professores demonstraram que gostariam de ter capacitação nesta área para estender seus conhecimentos e buscar melhores estratégias de trabalho para levar o aluno ao sucesso na sua aprendizagem.

Desta forma, ficou claro que os professores da Escola Estadual Francisco Inácio como a maioria dos educadores das escolas públicas não apresentam grande

conhecimento sobre os problemas de aprendizagem, em especial, a dislexia, sendo assim necessário uma melhor formação nesta área.

Esperamos com este trabalho ter demonstrado como os professores da escola percebem a dislexia e as estratégias utilizadas no trabalho com os alunos disléxicos. Assim é importante lembrar que a dislexia não se trata de um problema superado com o tempo, é um transtorno que não pode passar despercebido e com isso os professores precisam conhecê-lo para assim buscar estratégias que levem o aluno com dislexia ao sucesso na sua aprendizagem.

Referências Bibliográficas

ABD - **Associação Brasileira de Dislexia. ABD – Ponto de apoio a dislexia.** Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br>>. Acesso em 13 Jun. 2014.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente.** Brasília, 2001.

_____. Ministério da educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes nacional para a educação especial na educação básica.** Brasília, MEC, SEESP, 2001.

BELINTANE, Claudemir. **Leitura e alfabetização no Brasil: uma busca além da polarização.** Revista educação e pesquisa on line, São Paulo, v. 32. N.02 p.261 – 263. Disponível em: <<http://www.scielo.org.br>> Acesso em: 20 Ago. 2014.

DROUET, R.C.R. **Distúrbios de aprendizagem.** São Paulo, Ática, 2001.

DSM – IV – TRTM. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** 4.ed. revisada. Porto Alegre, Artmed, 2008.

FRANK, R. **A vida secreta da criança com dislexia.** São Paulo: M. Books, 2003.

LNCZINSKI, Zeneide Bittencourt. **Dislexia você sabe o que é.** Curitiba: Aurora, 2002.

OMS, **Organização Mundial de Saúde, 1994** <<http://www.oms.org.br>> Acesso em 14 de junho de 2014

PALLARES, Josep A. **Disfunção cognitiva em dislexia.** Revista Espanhola de Neurologia. Clínica, v. 1, n. 01, p.115. 2000.

PARANÁ, **Projeto Político Pedagógico.** Escola estadual Francisco Inácio de Oliveira. Tomazina, Pr, 2011.

SHAYWITZ, S. **Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura.** Porto Alegre, Artes Médicas, 2003.

TELES, Paula. **Abecedário e silabadário**. Lisboa, Distema Editora, 2008.

YANHEZ, Maria Eugênio, NICO, Maria Ângela. **Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. 8. ed. Rio de Janeiro, Alegro, 2001, 2001.

YANHEZ, Maria Eugênio, NICO, Maria Ângela. **Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. 9. ed. Rio de Janeiro, Alegro, 2001, 2002.